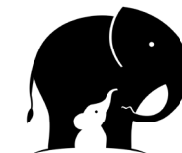




LEGADO

**LEOPOLDO
FRANCISCO
COMERLATO**

**LEOPOLDO
FRANCISCO
COMERLATO**



LEGADO
HISTÓRIAS DE VIDA

Texto: Valquíria Vita
Diagramação: Dani Almeida - DADesign
Edição e Revisão: Legado - Histórias de Vida
Fotos: Arquivo pessoal da família
Ano: 2023

www.historiasdevida.com.br

PREFÁCIO



Numa tarde agradável de domingo, encontro o vô na sacada da sua casa, contemplativo a olhar para o horizonte.

*Após alguns instantes de silêncio, ele diz:
— Como é que pode né? Quem fez tudo isso sabia o que estava fazendo. Tudo é perfeito.*

É sempre o mesmo sentimento ao encontrar com o vô Leopoldo: o de plenitude. A sensação é de que, na cidade a vida pode correr, pode dar quantas voltas quiser, mas é só ir em direção àquele caminho verde, descendo as montanhas, rumo a Linha Sebastopol que as coisas vão ganhando nova perspectiva. O rio que segue seu curso junto à beira da estrada vai anunciando que, logo ali, encontraremos todo o amor e simplicidade na forma de um ser humano inspirador. Na lucidez admirável dos seus 97 anos, logo nas suas primeiras palavras, que são normalmente acompanhadas por uma brincadeira ou um comentário carinhoso, Leopoldo nos ajuda a voltar o olhar para o que realmente vale a pena nessa vida: a grandeza e a simplicidade das pequenas coisas; o apreciar o que se coloca diante de nós no aqui e agora.

Leopoldo é como um pássaro de alma livre e coração gigante. A liberdade para ele é estar em meio a natureza e os animais. Felicidade para ele é ver a vida crescendo nos campos e ver todos da sua família bem. Simples assim. Nas suas palavras: “O tempo é a vida. O tempo é uma alegria quando a gente está bem de vida né? Ver a plantação bonita...” Leopoldo tem Deus e a família no coração. Tem os pés na terra, tem amor pelo verde, pelos animais. Tem facilidade de arrancar sorrisos, não importa o momento. — Olha a Alexandrinha! Ele me chama carinhosamente. Em todo aniversário ele sempre deseja vida longa a todos da família. Nas despedidas ele sempre nos coloca em suas orações.

Foi esse ser humano inspirador que nos fez querer registrar sua história — que também é nossa — em um livro. Uma tentativa de eternizar a sua vida através do seu próprio olhar. Esse mesmo olhar que tanto já testemunhou nesse quase um século de existência, mas que, ao mesmo tempo consegue enxergar o mundo, todos os dias, como se o visse pela primeira vez. Para Leopoldo nada é por acaso, cada pequena parte do que se apresenta em seu caminho é reverenciada e respeitada em sua importância para algo maior.

Certo dia, ao encontrá-lo para conversarmos sobre alguns episódios da sua vida, o vô me perguntou: — Mas te serve de alguma coisa me fazer essas perguntas sobre a minha vida? Eu fiquei alguns instantes paralizada, sem saber o que responder. Parecia tão óbvia a importância

da vida dele para a nossa família. Respondi que era muito importante para nós conhecermos a história dos nossos antepassados; que ele é uma pessoa que todos temos muito carinho e que a história dele também era a nossa. Ele balançou a cabeça, concordando. Mas na verdade, o que eu queria ter dito era que a sua história e a sua presença na minha vida ecoa de uma forma que não consigo traduzir em palavras. Apenas sinto um sentimento de paz, de gratidão e de inspiração muito grande. Não é exagero dizer que em sua presença eu me sinto com os pés no chão, como se todos os passos que ele deu nessa vida tivessem tornado os meus próprios passos mais firmes. Se, como ele mesmo diz, o tempo é a vida, que honra a nossa termos advindo dela. Receba com esse livro o abraço e a gratidão infinita de todos que nasceram do seu amor e da vô Cezarina: sua grande e linda família! Obrigada(o), pai, avô, bisavô!

Obrigada(o), Leopoldo!

*Com amor,
Da sua neta,
Alessandra Baldissarelli Bremm*

São duas horas da tarde de um sábado, no final de abril de 2023. Leopoldo Francisco Comerlato está dormindo, após o almoço na casa da filha mais nova, Salete. Ao levantar, de bom humor, senta-se na cadeira da cozinha para seguir as conversas sobre seu livro. E comenta: “Que coisa boa esse sono. Deu para tirar todo o cansaço de ‘puxar enxada’ essa semana!”

Leopoldo está com 97 anos e atividades físicas como “puxar enxada” fazem parte do seu dia a dia, apesar da idade. Para ele, carpir é tão natural quanto dormir. Não existe idade para fazer isso. E não há nada de estranho em pegar a enxada perto dos 100.

No assunto “descanso”, ele aproveita para dizer que sempre foi daquelas pessoas (privilegiadas) que dormem bem. Problemas para dormir nunca fizeram parte da sua rotina. “É raro, mas às vezes, quando não consigo dormir logo, toda a minha vida passa na minha cabeça. As coisas boas, as coisas ruins. Eu lembro de tudo.”

Quantas pessoas chegam bem aos 97 anos? Quantas podem dizer que se lembram do seu quase um século de vida quando deitam com a cabeça no travesseiro?

Este livro é uma homenagem à longa vida de Leopoldo. Às suas histórias, boas e ruins, como ele mesmo diz. Às suas conquistas e superações de perdas. Às suas memórias, ainda tão presentes.

E essa jornada inicia-se quase 100 anos atrás, em Galópolis, RS.



Leopoldo nasceu em 16 de setembro de 1925, em Galópolis, pequeno distrito localizado no estado do Rio Grande do Sul, situado a cerca de 8 km de Caxias do Sul. Galópolis é conhecida por suas belas paisagens naturais e também pela cultura italiana. O distrito foi fundado em 1887 por imigrantes italianos, na sua maioria vindos da região de Vêneto, que trouxeram suas tradições e habilidades na agricultura e na produção de vinho. Tudo em Galópolis lembrava (e ainda lembra) a Itália: desde a arquitetura das casas até a culinária local.

Filho dos agricultores Antonio Comerlato e Emma Fadanelli, Leopoldo teve oito irmãos: Tadeu, Arlindo, Italina, Adélia, Flora, Adelmiro, Maria e Irma. Leopoldo era o segundo mais velho. “No nosso tempo, era tudo dificuldade, não se tinha nem roupa, íamos ‘de pé no chão’ por tudo. O primeiro calçado que nos compraram foi o tamanco. Então, nós íamos de tamanco na missa, e minha mãe dizia assim: ‘quando não tiver ninguém olhando, tirem os tamancos e botem embaixo do braço, para não gastar a sola’”.

Leopoldo foi para a escola em Galópolis, no colégio dos irmãos Capuchinhos — membros de uma ordem religiosa católica que segue os ensinamentos de São Francisco de Assis. “Lembro do irmão Ricieri, que foi o primeiro professor. Mas eu quase não aprendi nada na escola, muito pouco, eles não se importavam que a gente aprendesse ou não, não tinha ninguém para nos puxar. No fim, quem me ensinou a fazer meu nome foi o meu irmão mais velho.”

Mesmo assim, ir para a escola nunca foi um esforço para ele, que sempre gostou de frequentar o ambiente, nem que fosse para acompanhar as aulas e brincar com os colegas. “A gente não tinha nada na cabeça, não se tinha aquele pensamento sobre o futuro,” diz, lembrando de uma fase da vida onde tudo era mais simples. “Eu estudei apenas por alguns anos. O meu pai dizia: ‘Vocês brincando e eu trabalhando...’”

Até as brincadeiras, naquele tempo, eram mais simples. Entre as vantagens de ter tantos irmãos era a de que nunca se estava sozinho. As crianças brincavam na liberdade da natureza, que era o quintal de casa. Penduravam-se nas cordas de cipó, subiam nas árvores, caçavam e pescavam (ambas as atividades com a funda que projetava pedrinhas). “A gente pegava com a funda aqueles passarinhos de mato, fazia uns buraquinhos na terra, botava no espeto, fazia churrasco e comia. Aqueles passarinhos de antigamente eram gordos. Levávamos pão e vinho junto. Depois, a gente brincava entre nós, luta livre, derrubava capoeira, de tudo.”

A casa antiga onde a família morava tinha sido comprada do tio do pai de Leopoldo. Era uma enorme residência, de largas tábuas de assoalho, cerradas à mão, sem pintura, dois andares, sendo o porão feito de paredes de pedras. A casa ficava no topo de um morro, em Galópolis. Dela, era possível avistar todo o vale. Tudo o que a família produzia era guardado dentro da casa, não existia um galpão para isso: então, na mesma sala onde a

família circulava, eram armazenados trigo, feijão, batata, milho, arroz, entre outros produtos. “Naquele tempo, se produzia tudo que era alimento. Eu me lembro que a mãe comprava sal, açúcar, café, e só.”

As famílias da região faziam bastante troca de produtos. Todos se conheciam. Se faltava algo, por exemplo, pedia-se emprestado. Se sobrava, doava-se. Mas cada propriedade ficava bem distante uma da outra, então, essas visitas rendiam longas caminhadas.

Tudo era feito a pé. As crianças iam para a escola e para a missa, seus dois únicos compromissos, caminhando. Quando a família precisava ir para “a cidade”, Caxias do Sul, ia de carreta puxada por mulas. “Eu ia na garupa da mãe,” lembra. “Não tinha estrada nem carro. Usávamos cavalos ou mulas. Tinha até um homem que juntava o esterco dos animais com carrinho de mão, para fazer a limpeza disso tudo.” As viagens eram sempre emocionantes, especialmente quando havia pinheiros, tão abundantes na época, derrubados pelo caminho, e os animais precisavam passar por cima deles.

O idioma da família era o italiano. Até que, nos anos de Getúlio Vargas, surgiu a Campanha de Nacionalização do Estado Novo, que proibia o idioma estrangeiro, e as crianças começaram a falar português, pelo menos na escola, onde aprenderam. Em casa, seguiam com a língua que estavam acostumados. Foi a nona, Maria Tega, avó materna, que, aos 16 anos, veio da Itália para o Brasil e passou a cultura adiante.

Os pais de Leopoldo, Antonio e Emma, administraram uma educação rígida em casa. Eram severos, como diz Leopoldo. “Se botava uma única coisa na mesa e ninguém falava nada. Era sempre polenta, ou então queijo, e a gente comia o que vinha, ninguém reclamava.” Era a mãe quem cozinhava, e inventava receitas lembradas até hoje, inclusive um bife que criava com a flor da moranga, frita. “Minha mãe fazia de tudo, trabalhava na lavoura, tirava leite das vacas, criava os filhos... Ela sempre dizia assim: ‘um filho embaixo do braço e um balde de leite no outro’. Porque sempre tinha que levar o filho junto por tudo.”

A família também tinha outros animais, além das vacas, como porcos, cavalos, mulas, galinhas, cachorros e gatos. O pai fazia também todo o trabalho nas plantações, especialmente nas parreiras, além de trabalhar fora para ganhar dinheiro extra para comprar algumas coisas para os filhos, como roupas. Matava porcos em um matadouro, que havia em Galópolis. “Vamos ver se conseguimos um ‘soldi’ (dinheiro) pra comprar uma camisa”, dizia ele. Todo ano, o pai matava um boi e guardava a carne para fazer charque. A carne de porco também era guardada por meses, pendurada, para fazer linguiça, salame e toucinho. Era um outro ritmo de vida.

Entre as comidas que mais eram servidas à mesa, estava sempre a tradicional polenta. “Também tinha queijo e linguiça com ovo. Comíamos verduras de tudo o que era tipo, feijão, vagem, ervilha... além de massa, sempre. Como era boa aquela bacia de massa chuta!”

Carteira de habilitação do pai, para dirigir animais.



Não havia muito espaço para frescuras. Por exemplo: não havia banheiro dentro de casa naquela época. “A gente ia para o mato. Onde se encontrava, se apertava o motor, a gente ia!”, conta Leopoldo. “Não existia o papel higiênico também. Usávamos sabugo de milho. E banho, era só volta e meia. Tinha uma bacia de madeira, tipo um cocho, que usávamos para nos lavar. E às vezes, íamos no arroio, escondidos dos pais, porque eles não deixavam a gente nadar.”

Numa época de muito trabalho, quando se via uma oportunidade de diversão, se aproveitava. “Não tinha nada do que temos hoje, então, quando aparecia uma gaitinha de boca era uma festa!” Foi só depois que Leopoldo fez 20 anos que surgiram algumas distrações, como o rádio (no Brasil, o rádio foi lançado em 1922, mas até chegar no interior levaram alguns anos). Antes do meio de comunicação, à noite, não havia nada para fazer, senão dormir. As luzes eram apagadas cedo. Luzes essas que eram produto de uma garrafinha com um pavio de vela na banha (“Fazia aquela fumaça!”). Aos finais de semana, as crianças iam caçar e pescar. Bem mais tarde, surgiu um campinho para jogar futebol em Galópolis.

Leopoldo tinha apenas seis anos quando começou a usar a enxada. Com a “enxadinha”, como ele se refere, ajudava o pai a capinar. Além dessa lembrança de estar trabalhando na roça desde cedo, também se recorda de descer os morros correndo, com duas malas de leite nas costas, para carregar a bebida até a casa da família. Anos depois, vieram os cavalos, o que facilitou o transporte. “A gente ‘descia’ para Galópolis para vender o leite. Valia algo como 300 réis, que hoje é 30 centavos.” O “réis” foi a unidade monetária utilizada no Brasil desde o período colonial até 1942, quando foi substituído pelo cruzeiro.

A família, católica, ia à missa da comunidade toda semana. Ia para cumprir o ritual religioso, mas também para “ouvir as notícias” da comunidade, já que eram praticamente o único local onde se encontravam. Em

casa, faziam orações em italiano. Leopoldo lembra até hoje da Ave Maria em italiano.

*“Ave Maria, piena di grazia,
il Signore è con te.
Tu sei benedetta fra le donne
e benedetto è il frutto del tuo seno, Gesù.
Santa Maria, Madre di Dio,
prega per noi peccatori,
adesso e nell'ora della nostra morte. Amen.”*

Ele sempre foi uma pessoa naturalmente bem humorada, que gostava de fazer brincadeiras com os outros para se divertir (coisa que adora fazer até hoje). “Eu pegava uma pedrinha, jogava na pessoa e saía correndo. Até que um dia, me descobriram e levei uma pedrada na cabeça. Quase me deram para morto naquele dia, precisei de curativos.” Na época, não havia um hospital, mas uma casa perto da igreja, em Galópolis, onde alguns profissionais (provavelmente enfermeiros) atendiam quem precisasse.

Na adolescência, ocorreu a “abertura da federal”, conta Leopoldo, referindo-se à inauguração da estrada BR-116. Leopoldo e o irmão, inclusive, ajudaram na construção da BR, com o trabalho manual de picão e pá e carregando pedras e terra. “A cada dois metros, ali no peral, tinha dois homens, era tudo batido à marreta, não era que nem hoje, que tem as furadeiras.”

A chegada da estrada foi uma grande mudança para as famílias de Galópolis e facilitou muitas viagens.

Mas veja bem, as viagens ainda eram feitas de carretas puxadas por mulas, não por veículos. Ele e o irmão mais velho eram carreteiros: o irmão puxava as mulas e ele ia atrás, puxando o breque (o freio). “Quando se descia o morro carregando a carga, a alfafa, batata e aipim, tinha que fechar o breque e amarrar duas cordas, de tão perigoso.”

Leopoldo só dirigiu um carro após os 40 anos de idade. “Mas eu lembro de ver os carros. Eram poucos, mas a gente ficava encantado ao ver eles passando e deixando os rastros dos pneus,” conta.

As mulas faziam os fretes, e Leopoldo, desde cedo aprendeu a “dirigi-las”. Com 16 anos, já fazia fretes de madeira e farinha de trigo. Eram duas mulas atrás e três na frente.

Por volta dessa época, ele estava trabalhando, cortando alfafa na plantação, quando começou a sentir uma dor forte no lado direito do abdômen. Já fazia algum tempo que ele estava sentindo aquela pontada, que ia e vinha, mas ele ignorava. “Eu nem ligava.” Naquele dia, porém, a dor estava mais forte e o óleo de rícino não ajudou. “Tinham me mandado tocar o sino da igreja, porque havia morrido uma nona. Fui de cavalo até em casa, em Galópolis, peguei a mula e fui tocar o sino. No meio do caminho não deu mais para aguentar a dor e tiveram que me levar para o hospital de ônibus. O meu apêndice havia estourado. ‘O que tiver que fazer nós faremos’, disseram os médicos.”

Após a cirurgia, ele ficou hospitalizado por um mês, e passou até o Natal longe de casa. Neste período, dormiu muito, pois estava sempre medicado. “Mas acho que não era a minha hora de morrer.”

Essa não foi a única vez que ele passou por algo assim. Anos antes, quando tinha por volta de 11, estava no mato com um dos irmãos, cortando folhas de palmeira para tratar os animais, usando um facão. Ventava muito e a faca acabou batendo em seu joelho. “Ficou em carne viva. Ele teve que me levar para casa nas costas. Até hoje tenho o sinal da batida. Meu pai levantava cedo para me fazer massagem na perna, pra não ficar com a perna dura. Tive que aguentar, a recuperação foi longa.”

Aos 20, ele entrou para o quartel que ficava perto de Ana Rech. No quartel, também era carreteiro, além de cuidar da comida. Preparava linguiça no fogo para os tenentes, ia para o mato, armava as barracas, fazia os treinamentos. “Para mim, foi um tempo perdido, aquela tropa, tiroteio, trincheiras... Tinha uma cerca e nós com uma bolsinha nas costas, tínhamos que dar dois peidos para conseguir passar embaixo e descer aquele morro.”

Certa vez, no quartel, estava designado para limpar a estrebaria, quando um colega atirou nele um balde de água suja de esterco. “Eu virei e dei uma vassourada na cabeça dele! Mesmo assim, escapamos do tenente coronel. Eu saí de lá com a carteira limpa por milagre!”

Leopoldo foi o único dos irmãos que serviu o quartel. Sua passagem, porém, foi breve, durando apenas seis

meses. “Além de cuidar das mulas em casa, quando eu fui para o quartel, eu cuidava das mulas de lá também. E eu estava lá, um dia, dando pasto verde para elas, quando veio um militar gritando. Me assustei, pensei: ‘Será que vou pra cadeia?’ Mas era para avisar que o meu pai estava lá. Ele queria me contar que meu irmão havia perdido um braço em um engenho de cana, aqueles engenhos puxados a boi, e, com isso, minha família precisava que eu voltasse,” lembra.

Ele retornou para casa para ajudar nas plantações. “Eu trabalhava para ganhar o pão, sempre fui batalhador, acordava cedo, fazia de tudo na propriedade, inclusive tirar leite e recolher pasto. Ajudava o pai a amarrar os parreirais, tratar e cortar. Eu fazia plantação de batata doce, aipim, alfafa... e fazia para vender. Ia até o Panazzolo, em Caxias, de mula, entregar. Aí as mula ficavam cansadas, eu puxava um pouco de alfafa para fora e tratava elas, enquanto eu comia uma pescada, que era aquelas sardinhas.”

Foi depois deste período do exército, que Cezarina Basso entrou, oficialmente, em sua vida. Leopoldo e o irmão dela combinaram que cada um, respectivamente, se apresentaria à uma irmã. Ele deu certo com Cezarina, mas o irmão dela não deu certo com a irmã dele, conta.

A história foi assim: a família de Leopoldo comprou um terreno em Vila Cristina, que fazia divisa com São José da Quarta Légua, onde Cezarina morava. Antes do carro surgir, bastava atravessar o mato a pé para chegar lá. “E daí nós fizemos aquela amizade... a vizinhança era

meio longe, essa era a única família que eu ia puxar papo,” conta. Leopoldo conta que lembra da primeira vez que viu Cezarina e que gostou muito “daquela moreninha”. “Gostei logo dela... Não sei se era o destino... Era para ser, eu acho! Eu estava louco por ela. E ela também. Mas ela não se mostrava tanto. Os dois eram um coração só, mas ela escondia. Em três anos de namoro, ela me deu um beijo, porque eu pedi. E foi um beijo rápido.”

Neste tempo de namoro muito comportado, era permitido namorar apenas durante o dia, nunca de noite. “Era sábado e domingo de tarde. Ficávamos na casa dela e, muito de vez em quando, íamos numa festinha fora.”

O primeiro baile juntos foi em Nova Palmira. “Não perdemos nenhuma música. Nem se sabia dançar, só ir pra cá e pra lá.” Voltava-se a pé ou a cavalo das festas, que aconteciam uma vez por ano e terminavam cedo. “Eram fandangos. Eram festas de família.”

Cezarina rezava o terço todos os domingos e Leopoldo a esperava. Certa noite, Leopoldo estava saindo da casa da namorada. Já era meia noite. E ele, cansado, voltava dirigindo a carreta. Não quis descansar na casa dela, por medo de pegar no sono e não ser acordado (não era permitido dormir na casa da namorada). Então saiu dirigindo, mesmo cansado. Provavelmente havia sido um longo dia de trabalho, como sempre era, na colônia. “Peguei as mulas e fui embora. Quando desci o morro, perto da igreja em Galópolis, peguei no sono e caí no meio das mulas. Elas nem se mexeram. Eu passo sempre

naquela curva e me lembro de quando caí no meio delas e me acordei.”

Leopoldo disse que não teve coragem de fazer um pedido oficial de casamento aos pais de Cezarina. Pediu apenas à ela. “Aí depois que noivamos, ficamos por um tempo assim. Até cheguei a gastar a aliança de tanto trabalhar nas pedras.”

Leopoldo tinha 23 anos e Cezarina apenas 19 quando se casaram. A cerimônia aconteceu na antiga igreja de Galópolis, que hoje não existe mais, no dia 7 de maio de 1949. Depois da missa, houve um jantar para poucos convidados. João, o pai da noiva, não foi ao casamento. Disse que ia caçar. Mas todos sabiam que o verdadeiro motivo é que ele não aprovava o relacionamento da filha com um Comerlato. “Fizeram de tudo para que a gente não ficasse junto. O namoro foi sempre esquisito, por causa disso.” Anos depois, quando conheceu melhor o genro, João se aproximou. Viu que Leopoldo era honesto, trabalhador e que tratava Cezarina muito bem. Dizem que até chorou, arrependido.

Depois do casamento, Leopoldo e Cezarina ficaram na casa dos pais dele por alguns dias, e logo se mudaram para a outra colônia da família Comerlato, em Vila Cristina. Pais e irmãos apareciam de vez em quando, para ajudar com o trabalho dessa nova terra. Além das plantações, tinham criação de porcos. No início, a casa era bem simples, não tinha sequer uma cozinha. A comida era feita fora, com uma panela pendurada sobre o fogo. Depois,



Casamento, em maio de 1949.

Leopoldo trabalhou por um tempo em uma serralheria, e com o dinheiro, eles conseguiram ir melhorando a casa aos poucos. Desde jovem, ele soube cozinhar, e mesmo após o casamento, quando tradicionalmente, era apenas a mulher que fazia a comida, ele seguiu cozinhando (até hoje, é chamado para temperar os galletos das festas da comunidade). Também foi um homem acostumado a lavar a louça. Numa época, inclusive, onde isso era bem mais difícil. Com as panelas de ferro, precisava até desenferrujá-las na hora de lavar (a mais difícil de lavar sempre foi a da polenta). “Roupa, quase não se tinha, tinha que pegar e deixar secar no corpo.”

Cezarina era professora da comunidade, função que sempre desempenhou, mesmo depois do casamento e dos filhos (inclusive, deu aula para todos os filhos). Era um tempo em que as turmas eram mistas, e chegavam a 40 alunos. Além de dar aula, Cezarina ainda esquentava o leite para o lanche dos alunos, em um fogão à lenha que ficava dentro da sala de aula. Ela sempre fez questão de continuar trabalhando e amava aquele trabalho. De personalidade forte, Cezarina era assim nas suas decisões, firme. Inteligente, a comunidade também a via como uma líder: quando era preciso que algo fosse escrito para os eventos da cidade ou da igreja, pediam a ela. Deu aula para dezenas de alunos da comunidade, que, mesmo depois de adultos, diziam: “Tudo o que eu aprendi foi com a Cezarina.”

Em Vila Cristina, Leopoldo seguiu com o trabalho de transportar as mercadorias até Caxias. Depois, por



Pórtico da Vinícola onde Leopoldo trabalhou em Caxias.

alguns anos, ele e Cezarina chegaram a morar em Caxias, onde Leopoldo trabalhou na famosa Vinícola Luiz Antunes, que havia surgido em Caxias em 1923, com o cultivo de videiras e produção de vinho. “Em Caxias trabalhei uns quatro meses ou mais como servente de pedreiro, na Avenida São Leopoldo. Até que me falaram que, na Antunes, estavam procurando gente para a safra de uva. Então, fiquei uns dois anos empregado lá, carregando caminhões, empalhando garrafas, pregando e entregando caixas. Eram 100/200 caixas que a gente carregava,” lembra.

Depois dessa experiência na cidade, em que ele trabalhou muito e ganhou pouco, diz, eles voltaram para a colônia. “Para mim, a colônia era um paraíso. O dia que fui embora da firma, perdi o canivete, o troco, tudo que tinha nos bolsos, de tanto que pulei de alegria. Eu sempre adorei a terra, gostava de plantar e colher. Eu fazia tanta



Os filhos Lourdes com 10 anos, Ilda com 8 e Gilberto com cerca de 8 meses.



Na frente da antiga casa.

coisa que diziam: 'esse Comerlato não vai durar muitos anos, trabalha muito'. Mas todos já morreram, não ficou um, e eu tô aqui. Viram só? Não é o serviço que mata, senão, eu já estava morto há muito tempo."

O casal sempre fez economia com os ganhos de Leopoldo na terra e os de Cezarina, como professora. "Foi a salvação. Ela me ajudou muito, se não, não tinha como. A gente trabalhava muito e era pobre que nem rato," reconhece. Ainda mais porque os filhos vieram logo após o casamento. Leopoldo e Cezarina tiveram quatro: Lourdes (10/04/1950), Ilda (24/05/52), Gilberto (31/01/1959) e Salete (15/07/1963). "Na colônia, não tinha o salário do mês. Então, guardávamos aquele dinheirinho na poupança, na Caixa Econômica Federal. Às vezes, se guardava tudo, às vezes uma parte. E daí construímos a nossa casa," lembra.

Leopoldo e Cezarina se instalaram na Linha Sebastopol, próximo de Nova Petrópolis. O nome Linha Sebastopol se refere a uma ferrovia histórica que foi construída no final do século XIX na região, para transportar cargas de trem.

Quase todos os filhos nasceram em casa. "Na época, sem telefone, eu tinha que pegar um ônibus, o único que fazia o trajeto, para ir até Galópolis buscar a parteira que vinha na nossa casa quando chegava a hora," relembra. Cezarina, nas dores do parto, precisava aguentar até a chegada deles, que dependiam do ônibus que passava uma vez ao dia.

Em uma das gestações, os bebês não sobreviveram. Cezarina estava grávida de gêmeos e passou toda a gravidez com a saúde debilitada. Os bebês chegaram antes do tempo, em uma época em que não havia muito o que fazer para tratar os prematuros. Foi um dos períodos mais difíceis da família, que escolheram os nomes, Jatir José e Gilmar Antônio, para os meninos.

Já que tanto Leopoldo como Cezarina trabalhavam fora de casa, quem teve papel importante no cuidado dos filhos foi Irma, uma das tias das crianças, que chegava a passar semanas na casa. Mais tarde, a família também teve algumas empregadas que ajudavam com as crianças e com a casa, além de algumas vizinhas que davam apoio.

Além de lecionar (ia a pé para a escola), Cezarina ajudava nas terras, tirava leite e tratava os porcos no outro turno. De noite, fazia os planos de aula, enquanto tentava dar atenção aos filhos e manter o fogo aceso, tudo ao mesmo tempo. "Naquele tempo era tudo difícil, tudo a pé. Para ir a Caxias tinha que levantar à meia noite e ir para a faixa pegar a condução, era tudo demorado," lembra ele.

Nos dias em que não havia ninguém para cuidar dos filhos, Leopoldo levava as crianças junto com ele para a roça. Se ainda eram pequenos, ficavam em caixotinhos de madeira, com cobertinhas. "Lembro de uma vez que vi uma das gurias, que não tinha nem um ano de idade ainda, chorando. Estava cheia de formigas. Elas sentiram o cheiro do leite."

Criar os filhos na colônia significava levar vários sustos como pais: ou elas sumiam porque iam atrás de uma vaca, atrás de um gatinho... ou então se deparavam com uma cobra.

As crianças faziam uma longa caminhada até a escola, ou então iam a cavalo, com a mãe. Às vezes, choravam no meio do caminho, que era cansativo. Mais tarde, Leopoldo começou a levá-los de carro, quando conseguiu substituir a carreta por uma caminhonete. "Até então, o carro na colônia era o cavalo e a mula."

O primeiro carro dele foi uma caminhonete Chevrolet verde. "Eu bati, terminei com a caminhonete, aí vendi para um homem de Caxias, cortador de lenha. Depois, eu comprei uma Rural, que nem existe mais, que era como um Jeep de hoje, considerado dos ricos, mas eu comprei usada. Depois, tive três Kombis. Aí tive um Chevette e uma Marajó dourada, e por último, um Palio."

Primeiro carro de Leopoldo, por volta de 1965, um Chevrolet.



Os carros, na sua maioria, haviam sido modelos grandes por causa do trabalho. De volta à colônia, Leopoldo trabalhou por muitos anos nas plantações e no transporte das mercadorias. “Na Kombi cabe bastante coisa, dava para negociar até 30 e tantas caixas de tomate, só que tinha que tirar os bancos.”

Nos anos 70, Leopoldo foi um dos fundadores da Feira dos Agricultores da Linha Sebastopol do Cai. A Feira foi uma forma mais organizada e lucrativa de seguir com o trabalho que ele e outros agricultores já realizavam. Na época, eles passavam de casa em casa, na região, buzinando e oferecendo os produtos. Com a mudança, criou-se um dia para a Feira do Agricultor, onde todos podiam vender seus produtos em locais fixos. A Feira surgiu no Alfredo Jaconi, estádio do Juventude. “Eu ia de madrugada para pegar lugar, porque quem chegava primeiro ficava com os melhores espaços. O último ficava lá no final e não vendia nada. Comecei levando uva e logo também levei vinho doce que eu fazia. Lembro que levei em um garrafão, dei um copo para o Júlio (um dos organizadores da feira) e ele passou na feira com o copo de vinho, mostrando pra todo mundo, o chefão, para dar fama.”

Popular, Leopoldo não podia ver uma pessoa que já saía puxando assunto com ela. Conversa sempre foi algo que fluiu fácil com ele. Por isso, ele sempre gostou muito da experiência de vender na feira, mas o que ele realmente gostava — e isso desde sempre e até hoje —

era plantar e cuidar dos animais. “A minha alegria sempre foi a lavoura, a terra, produzir alimento. Uma plantação bonita é a melhor coisa que tem! Quando eu não tinha nada, eu rezava para conseguir ter a minha própria terra e eu consegui.” Além das frutas e vegetais que produzia, Leopoldo também chegou a vender ovos, manteiga, queijo e leite.

O casamento com Cezarina sempre foi muito tranquilo. No geral, eles se davam bem. “Claro que tivemos algumas brigas, mas era passageiro, né? Nunca teve polícia,” brinca. “Às vezes, eu fazia o porre e ela me xingava, mas só.” Como Leopoldo sempre foi mais expansivo, de puxar papo com todos, Cezarina, às vezes, ficava um pouco ciumenta.

Festa de Bodas de Prata



Praia Arroio do Sal, por volta de 1975 com os filhos Gilberto e Saete.



Almoço de domingo nos arredores de casa, por volta dos anos 1977.



Toda a família no casamento do filho Gilberto com Veranice.

Como pais, educaram as crianças juntos e sempre exigiram que todos andassem na linha. Mas como cada um tinha a sua personalidade bem distinta, os filhos já sabiam como lidar com eles. Por exemplo, na hora de pedir algo, recorriam ao pai, que era bem mais permissivo que a mãe, e dizia bem menos 'nãos'. Mesmo que Cezarina fosse mais rígida e séria e Leopoldo mais desapegado e brincalhão, os dois fizeram questão de ensinar a eles os mesmos valores: honestidade, moral, respeito com os mais velhos e não pegar nem sequer uma agulha, quando essa agulha não fosse sua. Mostraram a eles, através de exemplos, que a honestidade é sempre o melhor caminho.

Os filhos foram crescendo e encaminhando suas vidas. Aprenderam na colônia o valor do trabalho duro e do esforço. Lourdes chegou a ficar até os 20 anos trabalhando na colônia junto com o pai. Depois, casou-se com Nelson Spido e eles também moraram na colônia, mas em São Braz da Quarta Léguas. Com ele, teve três filhos: Denise, André e Simone.



Na sala da antiga casa (de madeira) do Leopoldo. Por volta dos anos 1977. Com as filhas Ilda, Saete e a neta Denise (filha da Lourdes).

Casamento da filha Ilda em 1980.



Com o filho, Gilberto.



Com as filhas Ilda e Salete.



Em Arroio do Sal, 1994.

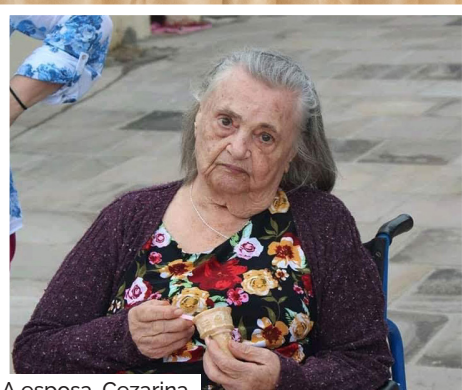
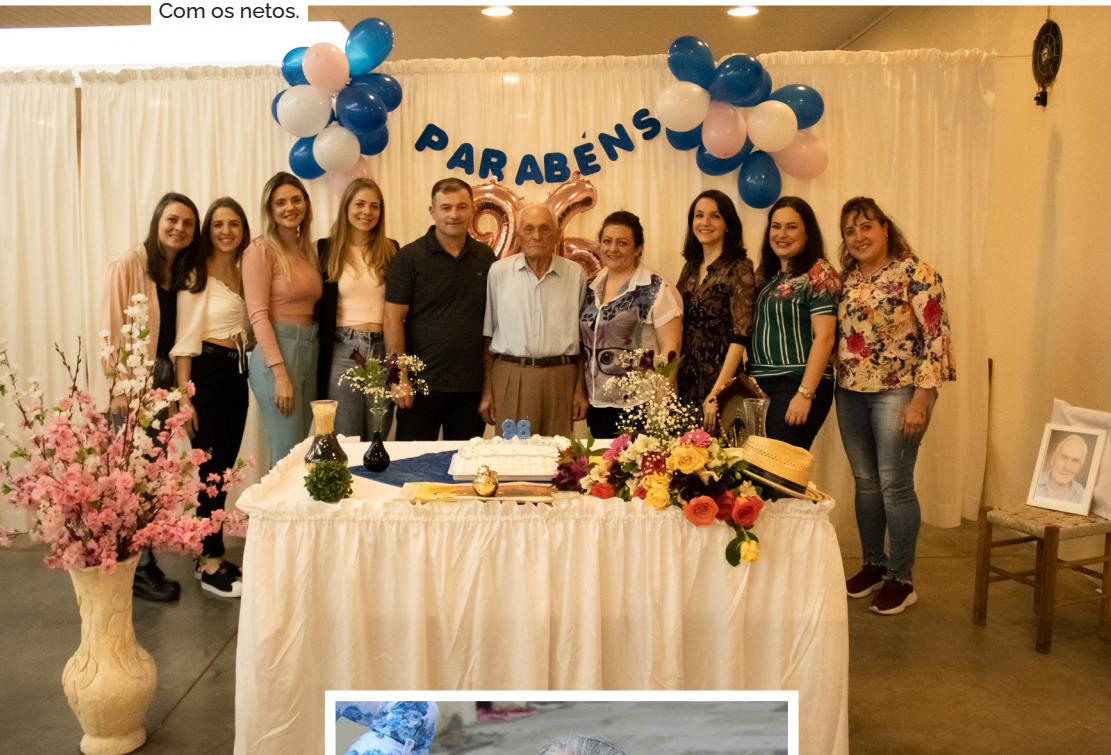


Colheita de tomate, início dos anos 80, com a filha Ilda e o genro Nelson.



Leopoldo, Jatir, Salete, Charlene, Sabrina, Luis, Vanessa e Gabriel.

Com os netos.



A esposa, Cezarina.

Ilda também trabalhou na roça até a vida adulta. Mudou-se para Caxias, onde foi trabalhar no comércio. Casou-se com Domingos Baldissarelli e teve Carine e Alessandra.

O filho, Gilberto foi o único que seguiu em Sebastopol com o pai. Casou-se com Veranice Finn e eles foram pais de Sabrina, Camila e Vanessa.

Salete, após também ter sua experiência na roça, casou-se com Jatir Uez e mudou-se para Caxias. Foram pais de Charlene.

Ao todo, Leopoldo e Cezarina tiveram nove netos, sendo a maioria deles (oito), mulheres. Após os netos, com o passar dos anos, a família foi aumentando ainda mais e ganhando bisnetos: Leticia, Isadora, Rafaela, Milena, Gustavo, Vinicius, Victória, Nicole, Annabelle e Angelina. São 10 até o lançamento deste livro, em 2023. Mas a árvore genealógica ainda deve aumentar.



Festa de Bodas de 50 anos.

Leopoldo e Cezarina seguiram morando em Sebastopol. Ficaram juntos por quase 70 anos. Ela faleceu em 28 de junho de 2016, após problemas de saúde.

Leopoldo continuou na mesma casa, com Gilberto e Veranice cuidando de sua propriedade. Perder a companheira de 67 anos de casamento anos foi outro período muito difícil da vida, provavelmente o mais difícil de todos.

As filhas, na colônia da família.



As duas "pontas" da linhagem familiar: o bisavô com as bisnetas mais novas Annabelle e Angelina.



Gilberto, Leopoldo, Ilda, Salete e Domingos.



No aniversário de 96 anos.

Mas a vida sempre continua. Com o apoio de toda família, Leopoldo seguiu em frente. Em 2021, quando completou 96 anos, foi organizada uma grande festa de aniversário para homenagear a vida de Leopoldo e sua longa linha de descendentes. Não foi uma festa onde os abraços foram permitidos, pois ainda enfrentava-se a pandemia da Covid-19, mas foi um momento de muitos sorrisos e lágrimas (boas).



Com o tradicional chapéu.



Em um passeio em Torres.

Ao ar livre, como prefere estar.



Mesmo após os 90 anos, ele continuou com sua rotina na propriedade. Não trabalha mais tantas horas como antes, mas segue ativo. Acorda cedo, por volta das 6h30, vê como andam as plantações, faz trabalhos na terra, gosta de estar com os animais. "Até pouco tempo atrás, tínhamos vacas, que eu cuidava. Hoje, busco pastinho para o porco, limpo a estrebaria, o chiqueiro, trato as galinhas, busco os ovos — às vezes tem ovo, às vezes não tem." Na colônia, ele está sempre com seu chapéu de palha. Para sair, usa outros modelos, mas o chapéu é sua marca registrada.



Na casa de uma das filhas, na cidade. Foi para dormir, mas desistiu e voltou para a colônia.

A tranquilidade da paisagem verde de Sebastopol é o seu local de paz. Às vezes ele vai a Caxias do Sul, para algum evento de família, mas não gosta de ficar muitos dias na cidade. Precisa estar na liberdade do campo, onde passou quase toda a vida. "Se eu tivesse ido morar na cidade, a minha vida teria sido curta. A gente era acostumado ao ar livre, solto, sem ficar dentro de firma. Eu vi os meus amigos que saíram da colônia e foram pra cidade. Eles duraram pouco."

Outro segredo, nem tão secreto assim, para uma vida tão longa, foi não ter levado as coisas tão a sério. Leopoldo sempre foi o piadista do grupo. Fazia brincadeiras com todos, inclusive com as crianças. Para a neta Charlene, certa vez, deu uma canequinha para tirar leite da vaca e a mandou até uma bezerra. Charlene, na época criança, não sabia a diferença entre os animais, e obedeceu. O avô riu demais da ingenuidade da menina.

Tratar bem os animais, assim como ser bom com as pessoas também é uma característica de Leopoldo, destacada por quem o conhece. "Hoje em dia, eu vou mais de três vezes por dia ver o porquinho no chiqueiro, para checar se ele está bem. E os cachorros são meus amigos. Eles vão comigo na lavoura, por tudo," conta. "Ele tem um grande coração," definem os familiares.

Fazer uma coisa de cada vez e controlar a ansiedade é outro conselho de vida. "Tinha o trigo maduro, o feijão para arrancar, fazer pasto para os animais... não dava para fazer tudo de uma vez só," diz, lembrando de seus

anos mais intensos de trabalho. "Enquanto eu trabalhava, a Cezarina, ao meio dia, me levava a bóia lá no morro, porque eu ficava todos os dias lá em cima. Era muito trabalho. A minha vida teve de tudo. De bom, de doce, de amargo. Passei de tudo."

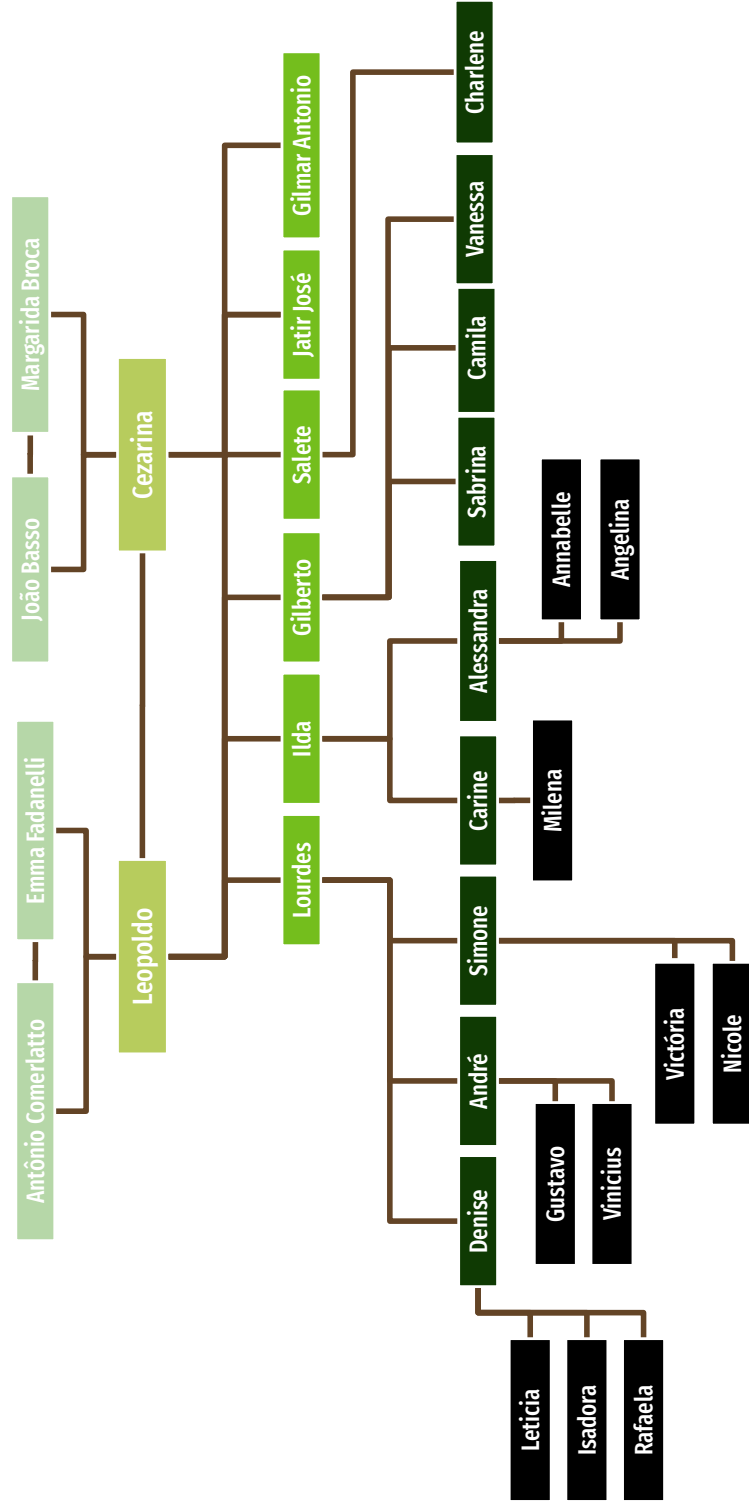
Hoje, a correria do trabalho também passou. E muitos amigos e parentes já não estão mais por aqui. Ter a sorte de chegar aos 100 anos tem dessas coisas. A caminhada pode ficar mais solitária. Mas a linhagem de Leopoldo é grande. O amor dele e de Cezarina resultou em muitas vidas: dos filhos, netos, bisnetos... E por causa deles, Leopoldo nunca está sozinho. O futuro é uma incógnita, mas o passado deu bons indícios de que a família seguirá assim como seu progenitor: forte.

Um brinde às boas lembranças.





ÁRVORE GENEALÓGICA





"Tudo o que eu sou devo ao meu querido pai. Sempre me ensinou o caminho do bem, trabalhou muito, passou muitas dificuldades, mas mesmo assim, nunca desanimou e enfrentou a vida com coragem. Deus o abençoou e eu me sinto muito feliz por ser sua filha."

**LOURDES
MARIA
COMERLATTO
SPIDO**



"Meu pai para mim é um presente de Deus. Ele é querido, amoroso, dedicado, compreensivo, Alegre e batalhador, nunca deixou que faltasse nada à sua família. Meu pai sempre ajudava as pessoas quando precisavam dele. Recordo que ele me chamava de vários apelidos carinhosos quando eu era pequena, como por exemplo, sabiá, tico tico, Titi picoli... E eu amava isso!

Obrigada por ser meu pai.

Te amo muito! Gratidão.."

**SALETE
COMERLATTO
UEZ**



"Dentre os filhos, eu fui o que mais conviveu com nossos pais. Fui o único homem, já que nossos irmãos gêmeos faleceram logo após o nascimento. De certa forma, por ser homem naquela época fui o único incentivado a continuar os estudos, morei um tempo na casa dos meus tios Raul e Florentina para estudar, porém a vida no campo me atraía mais.

Voltei para casa dos meus pais e à vida na roça. Dessa forma, juntos pudemos construir uma vida melhor, e com a chegada da minha esposa, a vida foi evoluindo. Vieram as minhas filhas e meus pais tiveram grande influência na criação delas, sempre presentes, dando carinho, ajudando, orientando, brincando, transmitindo os valores de uma vida simples e honesta.

Meu pai sempre foi um homem muito batalhador e ao lado da minha mãe, que não ficava atrás, construiu uma família linda e uma história da qual sinto muito orgulho. Me dá muita alegria ver meu pai com seus 97 anos, lúcido e com disposição de fazer o que mais gosta, seus afazeres do dia, carpir, podar parreira, cuidar dos animais, de ele estar feliz no lugar em que ele construiu a vida."

**GILBERTO
COMERLATTO**



Meu pai sempre foi muito brincalhão. Conosco gostava de contar anedotas e dar muita risada. Ele também sempre foi muito carinhoso e companheiro de seus filhos. Quando eu e minha mana Lourdes queríamos ir a um baile ou alguma festa ele sempre nos acompanhava. Meus pais sempre foram muito honestos e tinham muita fé. Com coragem superaram todas as dificuldades.

Hoje se sou quem sou foi graças aos ensinamentos que recebi dos meus pais. Mamãe não está mais entre nós, mas meu pai ainda tem muita saúde e vitalidade com seus quase 98 anos. Eu só tenho a agradecer a Deus por ter me dado esse pai querido, amigo maravilhoso e agradecer a meu pai por tudo o que fez pela sua família. Peço a Deus que o conserve por muito tempo ainda aqui entre nós. Enfim, quero dizer pai querido do meu coração, eu te amo muito, muito, muito.

**ILDA
COMERLATTO
BALDISSARELLI**



113 11/11/11